



# “MORANDO NA REDE”

Novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Vanina Costa Dias

**“MORANDO NA REDE”**  
**Novos modos de constituição de subjetividades**  
**de adolescentes nas redes sociais**

Belo Horizonte  
2015

Vanina Costa Dias

**“MORANDO NA REDE”**  
**Novos modos de constituição de subjetividades**  
**de adolescentes nas redes sociais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Intervenções Clínicas e Psicossociais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Ignez Costa Moreira

Belo Horizonte  
2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dias, Vanina Costa

D541m “Morando na rede” novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais / Vanina Costa Dias. Belo Horizonte, 2015.

235 f. : il.

Orientadora: Maria Ignez Costa Moreira

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Redes sociais on-line. 2. Adolescência - Redes sociais. 3. Interação social em adolescentes. 4. Internet e adolescentes. 5. Subjetividade. I. Moreira, Maria Ignez Costa. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.175.1

Vanina Costa Dias

**“MORANDO NA REDE”:  
Novos modos de constituição de subjetividades  
de adolescentes nas redes sociais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Intervenções Clínicas e Psicossociais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Ignez Costa Moreira

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Ignez Costa Moreira (Orientadora) - PUC Minas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Mendes da Ponte (Co-Orientadora) - PDSE -UNL FCSH Lisboa. PT)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta Carvalho Romagnoli - PUC Minas - Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Stengel (PUC MINAS)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nádia Laguardia de Lima (FAFICH – UFMG)

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2015.

Dedico essa tese a meu pai, que mesmo não estando aqui,  
estará sempre presente, em potência, do mundo de lá.  
À minha mãe, que sempre esteve presente  
nas minhas ausências dedicadas ao trabalho.  
E a Enrico, em quem sempre me inspirei  
quando pensava nos adolescentes de  
hoje e dos tempos que virão.

## AGRADECIMENTOS

Todos dizem que o momento mais difícil de um texto é seu começo. Hoje tenho certeza que começar é difícil sim, mas o final é mais doloroso quando precisamos concluir. A conclusão significa um corte, um final e quem sabe uma separação. Mas como já li num texto psicanalítico, o momento de concluir é aquele em que a experiência e o trabalho dão ao tempo para compreender a esperança de um infinito de uma linha onde um sentido nunca se estabeleça e que traga novas possibilidades de escrita. Nessa tese experimentei vários momentos difíceis, vários sentidos construídos e desconstruídos e novamente reconstruídos, com vários olhares e vários diálogos. Ao chegar ao seu fim, que na verdade está aqui nessas primeiras páginas, senti o peso que carreguei e como é difícil me livrar desse peso... como é difícil a separação...fica sempre um vazio. Nessa hora me remeto a outro texto psicanalítico... É no vazio que crescemos e construímos novos modos de viver e conviver.

Na tese que acabo de escrever o momento mais difícil é esse...o de agradecer...ele sim se configura no corte, pois marca o seu fim. E varias vezes ensaiei esse texto de agradecimento. Oralmente ou escrevendo algumas palavras que gostaria que estivessem aqui. Há muitos e muitas a quem agradecer: desde as instituições que me possibilitaram chegar a esse momento, até as pessoas que compartilharam comigo os aprendizados, as conquistas, as ausências e presenças durante o percurso dessa jornada.

Começando pelas instituições: à Faculdade Pedro Leopoldo, que sempre incentivou a capacitação docente, me apoiou economicamente nos primeiros anos do doutorado e me liberou com a licença para o período de Sanduiche em Lisboa e em seguida, até a conclusão do curso. À CAPES que me proporcionou a realização do desejo de estudar fora do Brasil, através do PDSE, e ainda a conclusão do curso após o retorno, com a extensão da bolsa, o que me possibilitou maior dedicação para na finalização da tese. À Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa que me recebeu durante o período do PDSE, onde pude dialogar com as diferentes áreas de saber e através desse diálogo aprofundar meus conhecimentos. Ao grupo de trabalho do CETIC.br – Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Informação - que disponibilizou dados que foram de grande importância para que pudesse aprofundar as análises da nossa realidade sobre o uso das tecnologias e da internet. À Escola LACOAN e à E.E. Imaculada Conceição que abriram suas portas e possibilitaram o contato com os adolescentes que participaram dessa pesquisa. E ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCMINAS que me recebeu com entusiasmo e apoio para por em prática essa pesquisa que hoje se concretiza nessa tese que lançará novas questões,

impulsionando novas aventuras através de outras pesquisas.

E agora as pessoas: em primeiro lugar agradeço aos meninos e meninas que participaram dos grupos de discussão *on-line* e *off-line*, com postagens e depoimentos sem os quais a pesquisa não se efetivaria. À Mari, Geisa e Eloisa que com suas leituras atentas, deram ao texto seu formato correto. À Isabella, de paciente à colaboradora e futura colega de profissão, pelo apoio na organização dos dados e ouvidos atentos nos grupos de discussão. Aos colegas do grupo de orientação – Cláudio, Madu e as Caróis - que sempre se fizeram presentes aqui e no período em Lisboa através do nosso grupo no Whatsapp compartilhando até meu lugar à mesa do jantar. À amiga Patrícia, grande incentivadora do meu projeto, sempre presente com suas críticas e questões que me ajudaram a refletir ao longo da tese. Aos colegas da “Cripta” em Lisboa, companheiros de estudo, cafés e “copos” nas horas de festejar e sofrer. À Juliana, que se tornou uma grande amiga (daquelas de infância) que me mostrou uma Lisboa que não conheceria se não fosse ela, com quem também compartilhei as dificuldades da escrita solitária de uma tese. À Roberta e Márcia, que participaram da banca de qualificação com apontamentos importantes para a finalização da tese, e à Nádia que completa essa banca na reta final, com quem também venho dialogando no grupo de pesquisa do Centro Pedagógico. À Prof.<sup>a</sup> Cristina – a portuguesa mais brasileira que conheci até hoje - que me recebeu em Lisboa e me deu muuuito trabalho. Trabalho que está refletido nas páginas que escrevi sob sua orientação e no aprendizado que construí ouvindo seus seminários e conferências e discutindo nos grupos de orientação e nos cafés. E à Pitucha, que me aceitou como sua primogênita e me suportou durante esses 3 anos e 8 meses de curso, a quem eu devo reverências por me fazer voltar à disposição dos estudos 10 anos após o Mestrado e que com seu arco-íris coloriu minha tese e que hoje tem a cor da certeza de um trabalho bem feito.

“Uma caneta sem ponta, escorregando à mão  
Uma vida sem norte, desviando entre o sim e o não  
Uma torrente de forças, oscilando entre a vida e a morte  
Uma infinidade de esquizovetores, engendrando diferenciAções  
Uma certeza: viver é destruir certezas  
Uma dança: trespassar o labirinto-reta  
Uma in-Tensão, habitar a caosmomaquinação de subjetividades  
Uma imagem, o desmanchamento de formas estáticas  
Uma voz, não existem quadros brancos e sim cores que se misturam eloquentemente  
Uma direção, todas as direções precisam ser criadas, inventadas, experimentadas  
Uma exclamação: Que forças estamos produzindo para a vida?  
Uma indagação: Esteja morta toda ideia de eu-substancializado!  
Uma música, o silêncio vibra incomensuráveis vozes-potência  
Uma curva, rasgar toda prisão-diagnóstico-código-identidade  
Uma contradição, verdade e mentira são coextensivas  
Uma viagem, levantar do divã e peripatetizar  
Uma sina, heterogeneizar máscaras líquidas  
Uma crença, pra amar é preciso devir-mulher  
Uma passagem, quem não resiste-não vive-sobrevive!  
Uma afirmação, não seja o mesmo!  
Uma negação, esteja diferença!  
Uma conexão, atualizar devires e não deveres  
Uma sutileza, produzir fissuras nos aparelhos de captura  
Uma intensidade, traçar uma linha transversal entre possível e o impossível  
Uma alegria, não repetir a cena papai-mamãe em preto e branco  
Uma constatação, toda criação é uma destruição  
Uma virtude, crer na pluralização da força dos esquizoemas da existência  
Uma súplica: não tome nada acima como verdade”.

(Autor desconhecido; Página Esquizografias; Facebook).

## RESUMO

Esta tese apresenta um estudo sobre a constituição da subjetividade de adolescentes a partir de suas relações nas redes sociais virtuais, tendo como plataforma de investigação o Facebook. Construiu-se um diálogo com pesquisas nacionais e internacionais, com estudiosos da Psicologia e das Ciências Sociais que se interessam pelas questões relacionadas à adolescência e à juventude e também pela temática das redes sociais virtuais. Com isso, objetivou-se investigar como a internet vem mediando as relações interpessoais virtuais estabelecidas pelo adolescente e como essas relações interferem em sua subjetividade. Tomou-se como premissa que as redes sociais virtuais têm feito parte do dia a dia dos adolescentes como uma nova forma de socialização e comunicação, assumindo um papel importante na constituição de sua subjetividade. Compreendendo as redes sociais virtuais a partir de uma leitura desses conceitos que se coadunam em Manuel Castells, Pierre Levy e Deleuze e Guattari, concebeu-se a rede social como um espaço de interação organizado em torno de uma afinidade compartilhada, o que favorece a desterritorialização e a expansão da comunicação, que se estende, a partir da internet, para um ambiente virtual que se materializa e se atualiza de forma potente nas telas de computadores, *tablets* e aparelhos celulares cada vez mais utilizados pelos adolescentes. Adotando como metodologia a Netnografia, criou-se um grupo secreto no Facebook onde foram realizadas discussões com 25 adolescentes de 13 a 18 anos de uma escola pública e outra particular da cidade de Pedro Leopoldo, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), especificamente convidados para essa pesquisa. Dentre os temas debatidos estão as formas de acesso às redes sociais, o significado do uso das redes sociais no dia a dia dos adolescentes, os conteúdos postados, a segurança e a mediação. Por meio dessas discussões foi possível apreender como os adolescentes constituem, a partir desse novo modo de relacionamento, as diversas formas de ver, sentir e estar no mundo virtual, possibilitando a produção novas subjetividades.

Palavras-Chave: Redes Sociais, Virtual, Subjetividade e Adolescência.

## ABSTRACT

This thesis presents a study on the constitution of subjectivity of adolescents from their relationships in virtual social networks, with Facebook as the research platform. Build up a dialogue with national and international research, with experts of Psychology and Social Sciences who are interested in issues related to adolescence and youth and also the theme of virtual social networks. With that, the objective of investigating how the internet comes mediating interpersonal relations established by virtual teenager and how these interfere in their subjectivity. It was taken as a premise that virtual social networks have been part of day-by-day of adolescents as a new form of socialization and communication, assuming an important role in the constitution of subjectivity. Understanding virtual social networks from a reading of these concepts that combine in Manuel Castells, Pierre Levy and Deleuze and Guattari, this communication network was conceived as an organized interaction space around a shared affinity and promoting desterritorialization and expansion of communication, and from the internet, it extends to a virtual environment that materializes and updates potently on the computer screens, tablets and mobile devices increasingly used by adolescents. Adopting as a methodology to Netnography, was created a secret Group on Facebook where discussions were held with 25 teenagers 13-18 years of two schools (one public and one private) of a city Metropolitan Region of Belo Horizonte (MG) specifically invited for this research. Among the topics discussed are ways of access to social networks, the meaning of the use of social networks in the daily life of teenagers, posted content, security and mediation. From these discussions it was possible to capture as they are, though this new relationship, the various ways of seeing, feeling and being in the virtual world might have the production new subjectivities.

**Keywords:** Social Networks, Virtual, Subjectivity and Adolescence.

## RESUMEN

Esta tesis presenta un estudio sobre la constitución de la subjetividad de los adolescentes de sus relaciones en las redes sociales virtuales, con el Facebook como plataforma de investigación. Se construyó un diálogo con la investigación nacional e internacional con los estudiosos de la psicología y de las ciencias sociales que se interesan por temas relacionados con la adolescencia y la juventud, así como el tema de las redes sociales virtuales. Por lo tanto, el objetivo era investigar cómo internet está mediando las relaciones interpersonales virtuales establecidos por el adolescente y cómo éstas interfieren en su subjetividad. Fue tomado como premisa que las redes sociales virtuales han hecho parte del día a día la vida de los adolescentes como una nueva forma de socialización y comunicación, asumiendo un papel importante en la constitución de su subjetividad. Entender redes sociales virtuales desde una lectura de estos conceptos que se ajustan en Manuel Castells, Pierre Levy y Deleuze y Guattari ha concebido la red social como un espacio de interacción organizado en torno a una afinidad compartida y favoreciendo la desposesión y la expansión de la comunicación y desde la Internet, se extiende a un entorno virtual que se materializa y se actualiza de forma potente en las pantallas de las computadoras, teléfonos celulares y *tablets* se cada vez más utilizados por los adolescentes. Adoptando como metodología Netnografía, se creó un grupo secreto en Facebook donde las discusiones se llevaron a cabo con 25 adolescentes de 13 a 18 años de una escuela pública y una privada de la ciudad de Pedro Leopoldo, ciudad de la Región Metropolitana de Belo Horizonte (MG) específicamente invitados para esta investigación. Entre los temas tratados están las formas de acceso a las redes sociales, la importancia del uso de las redes sociales en el día a día la vida de los adolescentes, el contenido publicado, la seguridad y la mediación. A partir de estas discusiones fue posible captar, a través de ese nuevo modo de relación, las distintas formas de ver, sentir y estar en el mundo virtual y permitiendo la producción de nuevas subjetividades.

Palabras clave: Redes Sociales, virtual, Subjetividad y Adolescencia.

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIM	AOL Instant Messenger
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comité de Ética de Pesquisa
CETIC	Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação
CGI	Comitê Gestor de Internet
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EU	European Union (União Européia)
EUA	Estados Unidos da América
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FCSH	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICQ	“I seek you”
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LSE	London School of Economics and Political Science
MSN	Microsoft Service Network (Rede de Serviços da Microsoft)
NIC.Br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br
ONU	Organização das Nações Unidas
PDSE	Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior
PUCMINAS	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SM	Salário Mínimo
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNL	Universidade Nova de Lisboa

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	23
2 SOBRE REDES SOCIAIS NA VIRTUALIDADE.....	35
3 QUEM É ESSE ADOLESCENTE CONECTADO À INTERNET.....	55
3.1 As “adolescências” no campo da Psicologia.....	59
3.2 As “Juventudes” no campo das Ciências Sociais .....	79
3.3 Categorias que se complementam.....	89
4 ADOLESCENTES E INTERNET: PESQUISAS NORTE-AMERICANAS E EUROPEIAS ..	91
4.1 Adolescentes e redes sociais: a pesquisa etnográfica de danah boyd.....	92
4.2 Sobre riscos e oportunidades na internet: pesquisas transnacionais na União Européia.	101
4.3 Acessando a internet de qualquer lugar: os meios móveis .....	110
4.4 Síntese e problematização para uma conexão ao contexto brasileiro .....	125
5 ADOLESCENTES E INTERNET: CONECTANDO A REALIDADE BRASILEIRA À	
NORTE-AMERICANA E EUROPEIA .....	127
5.1 TIC Kids Online: radiografando a realidade brasileira .....	127
5.2 Pesquisas sobre adolescentes x internet no Banco de Teses e Dissertações da CAPES...	139
5.3 Respondendo a questão inicial .....	145
6 “MORANDO NA REDE”: UM PERCURSO METODOLÓGICO .....	147
6.1 Uma imersão na rede social virtual .....	147
6.2 Sobre a Netnografia .....	148
6.3 Adolescentes em rede .....	156
6.4 O Facebook como espaço de discussão .....	165
6.5 Do on-line ao off-line .....	194
7 REFLEXÕES FINAIS .....	203
REFERÊNCIAS .....	211
Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido 1.....	225
Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido 2.....	227
Apêndice C - Questionário de Sondagem .....	229
Apêndice D – Questionário de caracterização da família .....	231
Apêndice E – Roteiro para discussão <i>on-line</i> .....	233
Apêndice F – Roteiro para Grupo de Discussão <i>Off-line</i> .....	235

## 1 INTRODUÇÃO

“O conhecimento desconstrói nossas crenças; intensifica nossas angústias; tira-nos da zona de estabilidade; estimula incertezas; desperta nossa curiosidade; explicita nossa solidão; expõe nossas fragilidades; potencializa a dor da alma; demonstra o quanto somos vulneráveis; é uma maneira legítima de lapidar a matéria bruta que somos; é o despertar da lucidez e da consciência de inacabamento; é o nosso passaporte para a certeza de nossas incertezas; é o talento que temos de nos castigar; é a tentativa de transferência do nosso eu como forma de fugir do próprio despertar da racionalidade”.

(COSTA, 2015).

O modo como as tecnologias da informação e comunicação, principalmente a Internet com suas ferramentas de comunicação, têm mudado radicalmente a vida cotidiana da população do mundo já foi contada inúmeras vezes, com diversas versões. Seus efeitos estendem-se a instituições, processos sociais, relações interpessoais, estruturas de poder, trabalho, lazer, educação, e também às próprias pessoas como sujeitos individuais. Participamos, hoje, de uma nova sociedade, construída a partir da inter-relação posta por essas mudanças tão profundas quanto recentes, de cunho social e tecnológico, que nos fazem pensar em novas posturas ideológicas.

A introdução das chamadas novas mídias em nosso dia a dia, possibilitada principalmente pela internet, meio de comunicação fundamental enquanto nova forma de interação humana, tem sido, em determinadas situações, mal entendida e mal interpretada. É fato também que a própria noção de sociabilidade tem se transformado.

Desde o início do século XX, temos percebido que a noção de comunidade não se refere apenas a um local físico, e que sua definição não deve pressupor, necessariamente, limites geográficos. Diante das atuais possibilidades técnicas desenvolvidas nesse campo da informação, é possível perceber que novas formas de sociabilidade estão surgindo nesse novo ambiente tecnológico e virtual, o que já vem trazendo incômodo tanto para estudiosos que já desenvolvem pesquisas para melhor compreender essas transformações quanto para pessoas comuns que, diante desse incômodo, buscam a ajuda de especialistas.

No lugar de especialista como psicóloga clínica, também fui afetada por esse incômodo, o que me levou ao lugar de pesquisadora. Na pesquisa relatada nessa tese, desenvolvi um estudo que buscou discutir os aspectos relacionados à realidade virtual proporcionada pela internet e a construção da subjetividade de adolescentes, procurando responder a uma questão básica: *Como a internet vem mediando as relações*

*interpessoais virtuais estabelecidas pelo adolescente e como essas relações afetam e constituem sua subjetividade?*

O ponto de partida da minha pesquisa se deu a partir de uma inquietação clínica: a demanda dos pais de meus pacientes adolescentes de orientação para lidar com o uso que seus filhos fazem do computador, seja jogando, seja pela conexão a diversos tipos de *sites* na *internet* e principalmente no uso das redes sociais virtuais.

Sou usuária frequente da internet e das redes sociais e naquele momento no qual fui abordada pelos pais de meus pacientes já me incomodava a frequência com que os adolescentes vinham cada vez mais tomando conta desses espaços virtuais a ponto de questionar também seus pais, educadores e diversos pesquisadores. Estando na condição de usuária das redes sociais, a conexão com os adolescentes que também compartilham dessa prática me aproximaria dessa realidade, possibilitando uma maior compreensão do modo como estar conectado às redes sociais interfere (ou não) nas relações familiares, sociais e pessoais desses meninos e meninas. A inquietação dos pais e também dos pesquisadores revela duas preocupações básicas: o tempo de uso e o universo desconhecido presente nesse mundo-rede social. Como afirma Tapias (2006):

As novas tecnologias da informação e da comunicação configuram um mundo-rede de fronteiras indefinidas que é o nosso. Em meio a ele, procuramos reorientar-nos – nós, seres humanos, de uma civilização ‘real-virtual’ – querendo talvez delinear de novo mapas impossíveis, quando os horizontes antes conhecidos já se esfumaram. (TAPIAS, 2006, p. 7)

Diante dessa realidade virtual que vem fazendo parte das diversas dimensões de nossas vidas, e da demanda por compreender como essa realidade vem fazendo parte da rotina dos adolescentes com os quais convivo diariamente em meu consultório, dei início à minha investigação.

Inicialmente, minha curiosidade fez com que buscasse nas próprias redes sociais e na mídia, nos indicadores socioculturais e ainda em estudos atuais que se ocupam com a juventude conectada as informações sobre essa temática. O que percebi é que estamos diante de uma realidade: as tecnologias da comunicação, e em especial a internet, vêm, cada vez mais, fazendo parte da sociedade. Principalmente nessa última década, temos observado que uma das práticas mais comuns entre as pessoas tem sido o uso da internet e de suas diversas ferramentas de aprendizado, lazer, comunicação e trabalho. É uma tecnologia que se incorporou à realidade das pessoas e, mesmo levantando questões,

seus benefícios estão presentes a todo o momento, de tal modo que já não nos imaginamos vivendo sem ela.

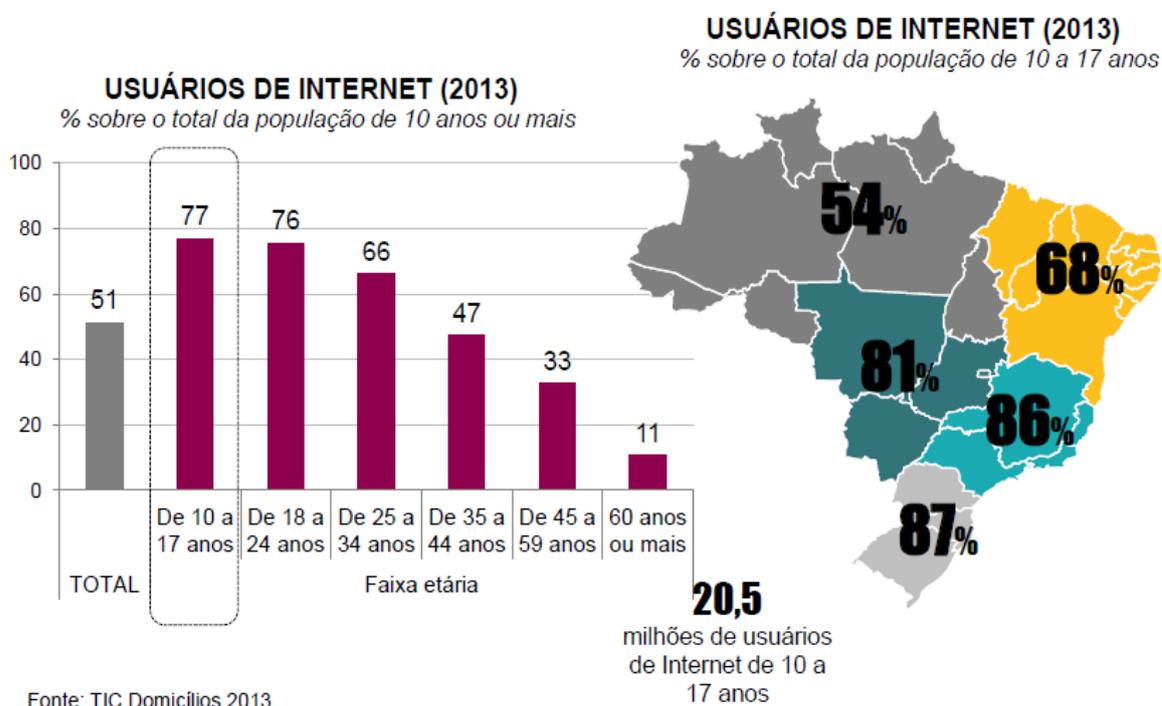
Embora a Internet possa ser vista em alguns momentos com desconfiança e se questionem os efeitos de seu uso abusivo sobre indivíduos e coletivos, os indicadores socioculturais confirmam o largo uso da Internet em todo o planeta.

Somos hoje no mundo, segundo a União Internacional de Comunicações - UIT - em torno de três bilhões de usuários de internet (fixa e móvel), o que corresponde a 40% da população mundial. Desse percentual, 78% pertencem aos países desenvolvidos e os demais 22% pertencem aos países em desenvolvimento.

O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE - em pesquisa para a UNICEF, em 2013 no Brasil, verificou que dos 21 milhões de adolescentes brasileiros (entre 12 e 17 anos), 70% deles acessam a internet e dentre eles 85% acessam as redes sociais.

Também o Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC - nos traz a seguinte realidade, melhor visualizada no gráfico abaixo:

Gráfico: Perfil de Usuários de Internet no Brasil



Fonte: TIC Domicílios 2013 – CETIC.br

Neste gráfico, construído pelo CETIC a partir da Pesquisa TIC Domicílios desenvolvida em 2013, percebemos que a maior camada da população brasileira que se utiliza da Internet está na faixa etária entre 10 e 17 anos (77%). Essa realidade é bastante significativa em todas as regiões do país, mas principalmente nas regiões sul e sudeste, e os acessos são realizados não apenas nos domicílios, mas também em *smartphones* e ainda em *Lan Houses*.

Diante dessas informações que aumentaram minhas inquietações, decidi transformar essas questões num projeto de investigação. Para isso foi preciso delinear referenciais teóricos que poderiam ser instrumentos para uma maior compreensão e análise dessa questão. Assim, diversos autores e conceitos foram estudados para me ajudar a refletir sobre essa demanda e a construir um texto que tentasse responder a ela. Alguns limites também foram delineados: a opção metodológica, a opção teórica, o tempo e o espaço para a investigação e, principalmente, os sujeitos da pesquisa. Foi preciso conhecer e aprofundar métodos e teorias e caminhar em busca de informações que seriam lidas e atualizadas na medida em que a pesquisa fosse avançando.

Para os adolescentes e jovens, a internet é um espaço no qual podem explorar e descobrir novas possibilidades seja para lazer, informação e comunicação. Assim, eles usam a internet basicamente para conversar através de programas instantâneos de comunicação (*MSN, Gtalk, Skype, Whatsapp e Snapchat*), manter contatos através das redes sociais (*Facebook, Orkut, Twitter e Tumblr*), buscar informações e fazer pesquisas (*Google, Wikipédia, Youtube*, entre outros sites) e para seu próprio lazer (jogos *on-line*, e *blogs* diversos)

Esta realidade chama a atenção de pesquisadores em vários campos do conhecimento, principalmente nas Ciências Humanas e Sociais, que tomam posições diferenciadas a respeito dessa temática. Dentre os pesquisadores brasileiros, alguns deles (VIANNA, 2008; DUQUE, 2009; BRAGA, 2009) parecem conduzir a uma mesma conclusão: o uso e o abuso da Internet estão associados a sentimentos de solidão e ao isolamento social e familiar, a comportamentos patologizantes relacionados ao culto ao corpo e à imagem.

Para outros pesquisadores brasileiros, (ROMÃO-DIAS, 2007; BARROS, 2009; BASMAGE, 2010) a prática das redes sociais virtuais instituiu 'comunidades' onde todos se relacionam com mais facilidade, buscando uma colaboração e uma interação saudável, tornando-se uma importante fonte de autoconhecimento por meio das escritas de si em blogs e redes sociais.

Nos Estados Unidos, a pesquisadora danah boyd<sup>1</sup> (2014) mostra em seus estudos como os adolescentes usam a mídia social em suas práticas cotidianas, analisando as implicações das tecnologias digitais e das redes sociais na formação da identidade na juventude. Ela afirma que as redes sociais digitais desempenham um papel crucial na vida dos adolescentes, fornecendo a esses sujeitos um espaço próprio para fazer sentido no mundo, onde podem complementar ou suplementar seus encontros face a face, mas mostra ainda que a compreensão desse processo, pelo qual os adolescentes têm se constituído em suas relações sociais virtuais, é complexo e não pode ser reduzido a aspectos superficiais, pois estão em jogo diversos aspectos - sociais, culturais e individuais - de cada sujeito.

Além de boyd (2014), também nos EUA Amanda Lenhart (2007) coordena outras pesquisas do grupo *Pew Internet Research*, tendo como foco a relação da juventude com a tecnologia. Essas pesquisas, que se relacionam principalmente com o uso dos meios móveis de comunicação mostram que a posse do telefone celular é quase onipresente entre os adolescentes e adultos jovens americanos, e grande parte desse aumento tem sido impulsionada pela adoção desses aparelhos entre os adolescentes mais jovens. Estes estudos comparativos, desenvolvidos em 2004, 2009, 2011 e 2014, têm como objetivo conhecer o impacto do uso da internet e dos aparelhos celulares sobre as famílias, as comunidades, trabalho e casa, a vida diária, a educação, os cuidados com a saúde, a vida cívica e política, buscando informações sobre as atitudes e tendências que moldam o comportamento desses sujeitos a partir desses meios de comunicação.

Na Europa, o grupo de pesquisa coordenado por Sonia Livingstone e Leslie Haddon, professores do Departamento de Mídia e Comunicação na *London School of Economics and Political Science - LSE* - desenvolve a pesquisa *EU Kids Online*. Desde 2006, esse grupo de investigadores faz um estudo a partir de uma abordagem comparativa, crítica e contextualizada, que visa orientar as iniciativas relacionadas às políticas públicas, à educação e à conscientização em âmbito nacional, regional e internacional das oportunidades e riscos do uso das tecnologias digitais e *on-line* por crianças e adolescentes em 33 países que incluem 31 países da União Europeia além da Austrália e do Brasil que se associaram a essa rede de investigação a partir de 2012. O objetivo dessa rede é analisar as condições de acesso à internet de crianças e

---

<sup>1</sup> Por razões que fazem parte de sua história de vida social e cultural, boyd faz questão que seu nome seja escrito com letras minúsculas, o que respeitei ao longo de toda a tese.

adolescentes, as suas atividades, a mediação por parte de pais, colegas e professores, as suas competências digitais declaradas e a sua experiência com riscos e oportunidades na rede. Esse projeto considera diferentes posições das crianças e adolescentes em relação ao risco associado ao uso da internet: “receptores de conteúdos distribuídos em massa; participantes em contatos iniciados por outros, da mesma idade ou mais velhos; e agentes de condutas” (PONTE et al, 2012b, p.13)

O projeto *EU Kids Online* é norteado por objetivos de intervenção, incidindo sobre os riscos mais presentes na agenda pública com foco naqueles relacionados a conteúdos pornográficos, contato com estranhos, *bullying*, *sexting*, conteúdos potencialmente nocivos gerados por usuários e abuso de informações pessoais. A concepção teórica do projeto se preocupa em relacionar os riscos *on-line* com os riscos *off-line*, a distinção entre exposição a riscos e a forma como as crianças lidam com eles, diferenciando risco e dano. A partir de respostas que mostram como as crianças e adolescentes lidam com as situações de risco, foi possível perceber que consequências danosas essas situações podem trazer para esses sujeitos.

Podemos aprofundar essa questão colocada pelo Projeto *EU Kids Online* com uma discussão proposta pela Psicologia Social desenvolvida no Brasil, por Spink (2012), que trabalha a noção de risco como o risco-aventura. Para essa investigadora, o risco é sempre da ordem da antecipação, tratando-se daquilo que pode vir-a-ser. Nesse cenário contemporâneo, em que novos modos de relacionamento se configuram a partir das novas tecnologias, vemos surgir novas modalidades de riscos que são, segundo ela, concomitantemente construídas com essas novas tecnologias que vão situar as pessoas como suscetíveis a essa novidade e aos modos de lidar com ela.

O Projeto *EU Kids Online* foi também referência para a pesquisa TIC KIDS Online, proposta a partir da necessidade de compreender o uso da internet entre crianças e adolescentes de 9 a 16 anos no Brasil. Coordenada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) visa entender os riscos e as oportunidades que se relacionam com a proteção da criança e do adolescente no ambiente on-line. Adotando uma abordagem quantitativa com base em uma pesquisa amostral que se realizou por meio de entrevistas presenciais nos domicílios e a partir de questionários estruturados. Esta pesquisa vem permitindo uma comparação longitudinal de resultados ao longo de três anos (2012, 2013 e 2014). Seus objetivos giram em torno da compreensão da forma como esses sujeitos lidam com questões relevantes, como o acesso e uso da Internet; os riscos *on-line*; a percepção em relação à sua segurança on-line e ainda o delineamento

das experiências, práticas e das preocupações dos pais ou responsáveis relacionadas ao uso da Internet por parte dos seus filhos. Os resultados permitiram analisar as mudanças ocorridas nas formas de uso da Internet, apresentando dados que possibilitam mapear as formas de uso das TIC e as estratégias de mediação desempenhadas por pais e responsáveis. Essa pesquisa tem sido importante para delinear o contexto da realidade brasileira em relação ao uso da internet por parte das crianças e adolescentes, possibilitando diversas análises e novos questionamentos.

Com as diversas possibilidades de se inserir no mundo adulto, essa tecnologia de comunicação e de lazer traz ao adolescente mais um espaço onde a necessidade de afirmação subjetiva e social pode se efetivar. Nas salas de bate-papo, blogs, sites, programas de comunicação on-line, jogos on-line e redes sociais, o adolescente, além de reinventar a língua, criando novas expressões e formatos para a fala, cria também novas formas de relação com o outro. No mundo virtual, o adolescente pode se tornar quem quiser, pode assumir as características físicas que mais lhe agradarem, pode se passar por qualquer outra pessoa que não seja ele mesmo.

Os adolescentes consideram que é fácil usar a Internet e são atraídos por esse universo onde podem experimentar e desempenhar diferentes papéis, assim como estabelecer relações com pessoas que partilham dos mesmos interesses. As redes sociais, um dos modos de uso da Internet, são cativantes, pertencem a um universo em que os papéis são variados e os limites são os da imaginação. Existe a possibilidade de assumir identidades diferentes e compartilhar todo e qualquer tipo de informação. O grau de anonimato influencia o comportamento e diminui o grau de inibição, isto é, diminui os constrangimentos sociais normais do comportamento.

Nesse contexto percebemos que as redes sociais estão se tornando, cada vez mais, uma prática que vem fazendo parte do dia a dia dos adolescentes, exercendo um papel essencial na sua constituição subjetiva.

Segundo Denise Mancebo (2002), o projeto de modernidade centralizou a subjetividade na figura do indivíduo, trazendo consigo toda uma preocupação com a preservação de sua interioridade, com o respeito à sua privacidade e com uma separação entre um universo público e privado. Segundo essa autora, esse processo de constituição da subjetividade moderna foi longo e continua sofrendo modificações intensas até a atualidade.

Partindo da concepção deleuziana, entendemos que subjetividade é um processo de produção incessante que acontece a partir de nossos encontros com o outro,

compreendendo esse outro não só como o outro social, mas também a natureza, os acontecimentos e outras diversas situações que produzem efeito sobre nossos corpos e em nossos modos de viver.

A subjetividade pode ser vista como a emergência de processos que nos constituem e estão em conexão com os processos históricos, sociais, culturais, econômicos, tecnológicos e midiáticos que fazem parte da vida do sujeito. Na mesma linha de pensamento, Guattari (2008) traz a definição de subjetividade a partir do ponto em que os indivíduos ou as coletividades emergem como territórios existenciais auto-referentes em adjacência com uma alteridade subjetiva. O coletivo seria uma multiplicidade além do indivíduo, junto ao social, e aquém da pessoa. As condições de produção dessa subjetividade evocam instâncias humanas intersubjetivas por meio da linguagem e instâncias não humanas, o que o autor aponta como a etologia, a interação institucional, os dispositivos maquínicos e os universos de referências incorporais que surgem entre esses diferentes elementos.

A subjetividade que é, então, historicamente constituída, faz com que em cada época haja a possibilidade de um tipo de produção subjetiva, sempre múltipla e heterogênea. Esse modo de compreender a subjetividade é corroborado por Magda Dimenstein (2000), que afirma que a subjetividade não pode ser mais compreendida nos termos de uma experiência universalista, racional e estruturada do mundo privado, mas, segundo ela, é

uma forma particular de se colocar, de ver e estar no mundo que não se reduz a uma dimensão individual. A subjetividade é um fato social construído a partir de processos de subjetivação, o qual é engendrado por determinantes sociais – históricos, políticos, ideológicos de gênero, de religião, conscientes ou não. Dessa forma, em diferentes contextos culturais, diferentes subjetividades são produzidas. (DIMENSTEIN, 2000, p. 116).

Essa afirmação de Dimenstein nos leva de volta a Guattari (2000, p. 19), para quem a subjetividade pode ser descrita como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. Assim, ela pode se expressar tanto em modos individuados, de uma pessoa, que se inscreve num mundo de particularidades ligadas ao campo social, e em função desse campo, estar apta a fazer escolhas, a conduzir sua vida, pensar e decidir por si mesma. Mais ainda, os modos de subjetivação podem se

expressar num plano coletivo, que ultrapassa o indivíduo, conectando-o ao processo grupal.

Ao longo dos estudos feitos nessa tese, percebi que os termos subjetividade e identidade são tomados como sinônimos por alguns autores da Psicologia e das Ciências Sociais para se referir ao objeto de estudo dessas ciências, ou para designar processos e/ou resultados que compõem ou auxiliam na compreensão do sujeito e em alguns casos chegam a se confundir. Como nos ensina Santos (1994) “o primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade” (SANTOS, 1994, p.120), correspondendo, assim, à existência subjacente à experiência, designando a consciência individual e a consciência de si. A subjetividade pode ser definida como o fundamento da identidade social e individual. E, mesmo que ambos os termos apareçam ao longo da tese, trabalharei com o que Deleuze e Guattari (1996) sugerem, ou seja, a subjetividade como a construção de novos modos de vida e existência que é atravessada por cruzamentos, que não se deixa ser capturada pela forma, mas por pinturas, fissuras, forças, afetos e dobras.

As observações clínicas vivenciadas e a pesquisa bibliográfica aqui apresentada me nortearam no desenvolvimento dessa pesquisa que foi perpassada pela discussão dos aspectos relacionados à realidade virtual proporcionada pela internet e à construção da subjetividade desses adolescentes na sociedade contemporânea.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa tendo por *locus* o meio virtual, que buscou dialogar com sujeitos via redes sociais *on-line* e *off-line*, essa pesquisa compreendeu um conjunto de diferentes técnicas que visou descrever e analisar os significados dos fenômenos sociais, reduzindo a distância entre teoria e dados pesquisados.

Dessa forma, algumas técnicas podem ser apreendidas de outras formas de fazer pesquisa. Neste caso dialoguei com uma nova metodologia – a Netnografia - proposta por Kozinets (2014) para pesquisas na internet, buscando produzir uma análise mais completa para conhecer os processos de subjetivação dos adolescentes através de suas relações nas redes sociais.

Para responder as questões iniciais, aprofundadas pelos estudos que realizei, já relatados anteriormente, desenvolvi minha pesquisa de campo que teve como objetivo principal compreender os processos de subjetivação dos adolescentes a partir de suas experiências com a internet, dialogando com os pesquisadores já citados e também interessados nessa mesma temática em diferentes realidades sociais e culturais.

Para participar da pesquisa, convidei adolescentes de 14 a 18 anos, estudantes de duas escolas de educação básica (uma pública estadual e outra particular), que se localizam em Pedro Leopoldo, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). É uma cidade de médio porte, com uma população aproximada de 60 mil habitantes, que têm uma renda *per capita* de cinco salários mínimos<sup>2</sup>. A grande maioria da população trabalha em indústrias cimenteiras e no comércio e geralmente busca lazer e serviços de saúde e educação superior na capital mineira – Belo Horizonte. Dessa população, 9% estão na faixa etária de 14 a 19 anos, dos quais 64% são estudantes de escolas públicas estaduais ou municipais. Para essa faixa etária, o município oferece poucos aparelhos de lazer e esporte, sendo dotado de apenas uma praça de esporte pública e algumas quadras poliesportivas de uso escolar e social. As demais opções de lazer se resumem a uma sala de cinema, uma pista pública de *skate* e diversos bares e restaurantes onde os adolescentes se encontram para conversar e se divertir. Como a cidade está a apenas 40 km da capital, essa carência é suprida com a busca por essas e outras formas de lazer e cultura em Belo Horizonte. Os adolescentes que participaram dessa etapa da pesquisa deveriam ser usuários de redes sociais e esses responderam a um primeiro questionário que chamei de “Sondagem” (Apêndice C). Nesse questionário busquei dados como: a participação em comunidades virtuais, os diversos tipos de tema postados nessas comunidades, e o tipo de relacionamento estabelecido com os ‘amigos’ nas comunidades virtuais. Também indaguei sobre a forma como acessam a internet e a disponibilidade desses adolescentes para participar do segundo momento da pesquisa descrita nessa tese. Foram respondidos 165 questionários e os dados coletados foram submetidos a tratamento percentual, traçando um perfil geral dos adolescentes que fazem uso das redes sociais. Esses dados serão apresentados e analisados no sexto capítulo dessa tese.

A partir dessa sondagem, constituí um grupo menor de adolescentes para identificar em que medida o acesso às redes sociais modifica, enriquece ou altera comportamentos sociais, modos de aprendizagem, hábitos de consumo e hábitos culturais dos adolescentes, interferindo em seu processo de subjetivação. Esse grupo foi constituído inicialmente por 33 adolescentes, dos quais 25 participaram efetivamente das discussões. Esse grupo, especificamente criado no *Facebook*, foi configurado como um “grupo secreto” de forma que apenas seus membros tivessem acesso às informações

---

<sup>2</sup> O salário mínimo vigente nesse período era de R\$ 678,00.

nele compartilhadas e a entrada fosse controlada por um moderador, nesse caso, eu. As regras para a criação e funcionamento do grupo foram compartilhadas com os adolescentes em um encontro presencial. Foi combinado que o grupo permaneceria no ar ao longo de treze semanas. Durante esse período, foram lançados semanalmente temas pertinentes aos objetivos da pesquisa (Apêndice F). Aos temas propostos inicialmente foram acrescentadas temáticas surgidas nas diversas mídias e na própria discussão entre os adolescentes. Ao longo das discussões, busquei apreender como eles constituem, a partir desse novo modo de relacionamento, as mais diversas formas de ver, sentir e estar no mundo virtual e a partir dele produzir suas subjetividades.

Um ano e meio depois de finalizada essa parte da pesquisa de campo, e depois de novos estudos, principalmente os realizados em Lisboa no Programa de Doutorado Sanduíche da CAPES, sob a orientação da Professora Dra. Cristina Ponte da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa, onde conheci as pesquisas desenvolvidas pela rede *EU Kids Online*, surgiu a necessidade de realizar novos encontros com os adolescentes, dessa vez de forma presencial, no formato de Grupos de Discussão *off-line*. Desses encontros participaram dez adolescentes que foram convidados entre aqueles que fizeram parte do grupo de discussão *on-line*, que se disponibilizaram espontaneamente para participar dos encontros que foram realizados em dois momentos de discussão que objetivaram complementar informações que pudessem aprofundar questões relacionadas à segurança *on-line*, à mediação pelos pais e às novas formas de uso da internet e das redes sociais através dos dispositivos móveis.

Estabelecidos esses contornos, e após a sua submissão e aprovação pelo Comitê de Ética da PUCMINAS<sup>3</sup>, a pesquisa foi desenvolvida durante esses três anos e meio, e passo agora ao seu relato. Aqui chamo a atenção para a organização desse texto que vem explicitar todas as experiências que vivi ao longo desses anos e que agregaram novos conhecimentos àqueles já constituídos ao longo de minha formação e de minha experiência profissional como psicóloga clínica, como professora, como investigadora e como usuária das redes sociais virtuais. E, repetindo aqui o que li em Barros e Kastrup (2009) essa tese

[...] longe de ser um momento burocrático, sua elaboração requer até mesmo um certo recolhimento, cujo objetivo é possibilitar um retorno à experiência do campo, para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência. Há uma processualidade na própria escrita.

---

<sup>3</sup> Essa pesquisa está registrada sob o número: 09721912.3.0000.5137

Um processo aparentemente individual ganha uma dimensão claramente coletiva quando o texto traz à cena falas e diálogos que emergem [do] campo (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 70).

Este diálogo que pretendo aqui relatar está organizado em duas partes: na primeira, seus capítulos descrevem toda a parte teórica e documental que irão sustentar a análise dos dados que recolhi com as discussões *on-line* e *off-line* com os adolescentes. Na segunda parte, apresento a descrição e análise dos dados produzidos no contato com os adolescentes, procurando responder aos diversos questionamentos que surgiram antes e durante esses anos em que venho trabalhando nessa pesquisa.

O primeiro capítulo da tese apresenta uma revisão dos estudos sobre Redes Sociais Virtuais, buscando destacar o conceito de Rede Social e o conceito de Virtual sob a perspectiva esquizoanalítica dialogando com estudiosos como Manuel Castells (2010, 2011), Pierre Lévy (1998, 1999) e Deleuze (1976, 1996, 1997, 1999, 2000) e outros pesquisadores que se aproximam dessa discussão.

Em seguida apresento, no segundo capítulo, a partir de teóricos da Psicologia e das Ciências Sociais, como se deu a construção do conceito de adolescência e de juventude, ressaltando o compartilhamento social desse fenômeno, partindo do estudo pioneiro de Stanley Hall (1931, 2005) na Psicologia, até autores contemporâneos que os tomam sob a ótica das Ciências Sociais como Oscar Dávilla Lèon (2005), José Machado Pais (1996, 2005, 2008), Juarez Dayrell (2003), dentre outros.

No terceiro capítulo faço uma revisão bibliográfica e documental, cujo objetivo foi conhecer o que pesquisadores europeus e americanos vêm estudando sobre a prática de uso da internet pelos adolescentes nos computadores tradicionais e nos meios móveis. Esse capítulo foi construído no período do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE - na Universidade Nova de Lisboa e orientado pela professora Dra. Cristina Ponte.

O quarto capítulo traz os dados de pesquisas desenvolvidas no Brasil, que descrevem a investigação sobre como o uso da internet vem se dando por meio de estudos comparativos de abrangência nacional realizada pelo CETIC.br na pesquisa *TIC Kids Online*, e também de estudos que tratam da relação de adolescentes com a internet entre 2005 e 2012, realizados em níveis locais, por pesquisadores brasileiros na área da psicologia, selecionados a partir de uma busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Na segunda parte da tese, que está no sexto capítulo, descrevo e analiso a pesquisa de campo, iniciando com a justificativa pela escolha da Netnografia, metodologia utilizada para a imersão no campo com seus procedimentos metodológicos e ainda os relatos e análises dos dados colhidos na pesquisa realizada, finalizando com as reflexões que buscam responder aos objetivos propostos quando iniciei essa investigação.

Nas reflexões finais compartilho as inquietações que todo conhecimento construído ao longo da pesquisa me provocaram, privilegiando aqueles aspectos mais profícuos no diálogo com os adolescentes que participaram da pesquisa, com autores e pesquisadores, extraindo desse diálogo os contornos, configurações e acontecimentos por vir (Deleuze, 1996) que provocarão novos incômodos e acrescentarão algo de novo nas discussões sobre as práticas cada vez mais intensas dos adolescentes no mundo da virtualidade.